

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FaE
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS - FIEI



VIVÊNCIA DE LUTA E RESISTÊNCIA DOS PATAXÓ
QUE SOBREVIVEM DO ARTESANATO DE MADEIRA
NA ALDEIA CÓRREGO DA CASSIANA

Arildes Nascimento da Conceição (Naô Mirawê)

Belo Horizonte - MG

2022

ARILDES NASCIMENTO DA CONCEIÇÃO (NAÔ MIRAWÊ)

**VIVÊNCIA DE LUTA E RESISTÊNCIA DOS PATAXÓ
QUE SOBREVIVEM DO ARTESANATO DE MADEIRA
NA ALDEIA CÓRREGO DA CASSIANA**

Percurso academico apresentado no ambito do curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores indígenas, habilitação em Matemática, da Faculdade de educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof. Nora Olinda Cabrera Zúniga

Belo Horizonte - MG

2022

Dedicatória

Dedico esta monografia à minha aldeia e as pessoas que vivem lá, pois foi por causa da história de resistência da aldeia e a vivência das pessoas que me incentivaram a escrever meu trabalho de conclusão curso. Deixo aqui toda dedicação a minha terra sagrada.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado sabedoria e força para continuar, a minha Mãe que é meu maior exemplo de mulher, meu pai que sempre me incentivou a estudar e buscar melhorias para nossa comunidade, aos anciãos que permaneceram na aldeia mesmo perante tantas dificuldades e lutas para manter vivo seu povo.

As pessoas da aldeia Córrego da Cassiana que contribuíram na construção do meu trabalho e todas as pessoas que passaram em minha vida nesse período do curso e que me apoiaram quando eu precisei, as amigas que construí durante essa caminhada, Franciane, Uilian, Estefani, Leila, Idaiara, aos amigos Xakriabá e os demais colegas que levarei para toda vida.

Meu companheiro e minha filha Isis que passaram por essa etapa da minha vida ao meu lado, aos professores e bolsistas da turma que nos acompanhou durante nossa trajetória dentro do FIEI, e por fim agradeço a UFMG que nos acolheu de uma forma tão especial durante esses quatro anos de muita resistência.

Um bom filho não maltrata sua mãe, não corta seus cabelos sem que ela queira, não tira sangue, não feri sua face, um bom filho deve cuidar e proteger. Mas uma mãe, ao ver a vida de seus filhos em risco. ela se sacrifica e dar a própria vida, o bom filho reconhece o sacrifício, e faz o que pode para tentar salvá-la. Mas quando é obrigado a sacrificar sua mãe, o coração dói, os olhos correm lágrimas, na consciência vem o sentimento de culpa e que não é o que queríamos fazer. Precisamos parar de sacrificá-la, temos que ir à luta e enfrentar aquele que nos empoe e o que nos oprime.

Arildes nascimento, setembro 2022

Resumo

Este trabalho de pesquisa foi realizado com o objetivo de contar sobre a vivência de luta e resistência das pessoas da aldeia Córrego da Cassiana, que sobrevivem do artesanato de madeira, pois este está presente no nosso dia a dia de diversas formas, seja no uso doméstico ou como fonte de renda para as famílias. É uma vivência de resistência que se estende por muitos anos desde a chegada dos primeiros moradores dessa terra. Quero deixar registrada a versão contada pelas pessoas dessa aldeia, pois aos olhos de muitos fica escondida esta parte da história. Para isso busquei algumas pessoas com diferentes tempos de vivência no território e na terra indígena pataxó, ou seja, três gerações que nasceu e se criou dentro da aldeia Córrego da Cassiana desde sua fundação. Falo sobre a trajetória do artesanato da aldeia, trazendo a pesquisa de campo e entrevistas com lideranças e anciões, além de relatar a importância da luta pelo território e a necessidade dele para sobrevivência do nosso povo. É descrito neste trabalho a preocupação da comunidade com o meio ambiente e preservação dele. Cito também a minha trajetória de vida dentro da minha comunidade e acadêmica, vários trabalhos foram lidos, porém trago aqueles que foram mais relevantes ao meu tema em foco. Espero que este trabalho de pesquisa servirá para as futuras gerações conhecer e valorizar nossa luta e entender que só existimos nessa terra por conta da insistência dos nossos mais velhos. Estamos tentando mudar nossa realidade em relação ao artesanato de madeira que é produzido pelos Pataxó da aldeia Córrego da Cassiana e que para isso precisamos ir à luta pela autodemarcação da terra indígena Pataxó de Barra Velha.

Abstract

This research work was carried out with the objective of telling about the experience of struggle and resistance of the people of the Córrego da Cassiana village, who survive from wooden crafts, as this is present in our daily lives in different ways, whether in domestic use. or as a source of income for families. It is an experience of resistance that has lasted for many years since the arrival of the first residents of this land. I want to record the version told by the people of this village, because in the eyes of many this part of the story is hidden. For this, I looked for some people with different times of experience in the territory and in the Pataxó indigenous land, that is, three generations who were born and raised within the Córrego da Cassiana village since its foundation. I talk about the history of handicrafts in the village, bringing field research and interviews with leaders and elders, in addition to reporting the importance of the struggle for territory and its need for the survival of our people. This work describes the community's concern with the environment and its preservation. I also cite my life trajectory within my community and academic, several works were read, but I bring those that were most relevant to my topic in focus. I hope that this research work will help future generations to know and appreciate our struggle and understand that we only exist on this earth because of the insistence of our elders. We are trying to change our reality in relation to the wooden handicraft that is produced by the Pataxó from the Córrego da Cassiana village and that for that we need to fight for the self-demarcation of the Pataxó de Barra Velha indigenous land.

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa do território Pataxó	11
Figura 2: Mapa com a localização da Aldeia Córrego da Cassiana	11
Figura 3.....	13
Figura 4.....	13
Figura 5: Preparação para o festejo do Espírito Santo	14
Figura 6: Preparação para o festejo do Espírito Santo	14
Figura 7: Fogueira	16
Figura 8: Monte Pascal.....	19
Figura 9: Retomada do Monte Pascal.....	20
Figura 10: Monumento do Monte Pascal (2002).....	21
Figura 11: Monumento do Monte Pascal (2022).....	21
Figura 12: Busca por madeira.....	23
Figura 13: Busca por madeira.....	23
Figura 14: Guerreiro Benedito Braz (Ancião da aldeia).....	24
Figura 15: Guerreiro cacique Alvair José.....	26
Figura 16: Guerreiro Sebastião Braz da Conceição	28
Figura 17: Guerreiro Hayapó Pataxó.....	31
Figura 18.....	36
Figura 19.....	36
Figura 20: Caiaques.....	36
Figura 21: Pilão	37

Lista de Desenhos

Desenho 1: Pente de madeira.....	33
Desenho 2: Gamela.....	34
Desenho 3: Colar de madeira.....	34
Desenho 4: Xari.....	35

Sumário

Introdução.....	9
O povo Pataxó	10
História da Cassiana	11
Minha trajetória de vida na aldeia	15
Consequência da criação do Parque do Monte Pascoal.....	18
A necessidade de retomar o Monte Pascoal	20
Luta e Resistência.....	22
Relatos da Vivência das pessoas que sobrevivem a partir do artesanato de madeira na aldeia Cassiana	24
Os tipos de artesanatos produzidos em nossa aldeia antigamente e nos dias atuais.....	33
Referências seguidas de textos	38
Conclusão	40
Colaboradores da pesquisa	41
Referências	42

Introdução

O artesanato é uma atividade que refere-se a riqueza bem como a diversidade cultural de um país, o qual representa um seguimento com atuação abrangente. Muitos materiais e técnicas surgem da adaptação dos grupos ao meio ambiente e decorrente de sua organização diante da sua organização social. Esses materiais e técnicas estão em constante readaptação diante das condições econômicas e culturais, como também dos estímulos e recursos disponíveis.

O fato da transmissão dos artesanatos indígenas. Em muitas etnias brasileiras, as técnicas artesanais representam o fio que conecta a ancestralidade e a memória que transcorrem gerações e resiste nas aldeias. E nosso artesanato vem como ferramenta de sobrevivência das pessoas da aldeia Córrego da Cassiana e que também carrega um saber ancestral.

Por este motivo este trabalho relata um pouco do artesanato e suas abrangências não só no desenvolvimento sustentável do povo pataxó da aldeia indígena Córrego da Cassiana como também a importância dele na luta pelo território que é uma questão importante para nosso povo.

Cabe destacar que ainda o processo foi feito através de pesquisas de campo entrevistas com lideranças e anciões da comunidade sobre como era o artesanato antes e como está sendo agora. No decorrer do trabalho através das pesquisas e entrevistas foram mostrando a evolução do artesanato e também a preocupação com a preservação do meio ambiente.

Antigamente eram feitos apenas para o uso doméstico e para se enfeitar, tanto que muitas pessoas não consideravam como artesanato, apenas como objeto de uso próprio. O processo artesanal da nossa comunidade começou simplesmente manual como começa todo artesanato e com o passar dos tempos houve um aumento das demandas e assim veio a necessidade de adaptação as novas tecnologias. Mas a grande luta da comunidade Córrego da Cassiana é ter um espaço para o plantio, porque onde moramos não tem terra para tais atividades sustentáveis.

E por isso a luta pelo território que é de grande importância para a sobrevivência desta comunidade. O trabalho traz relatos de como são feitas as reivindicações sobre o território e as demandas desta comunidade para conseguir o espaço que é de fato um espaço de sobrevivência.

Hoje o artesanato é também uma forma de resistência, seu uso se torna cada vez mais constante e presente na vida do nosso povo diariamente. Atualmente os artesãos obtêm uma renda que sustenta a família com a venda dos artesanatos e neste trabalho exposto, trago minha trajetória de vida e acadêmica aonde é demonstrado todo o percurso desde o convívio na comunidade Córrego da Cassiana, lutas e movimentos que participo até o processo acadêmico.

O povo Pataxó

A história do povo Pataxó ao que sabemos os relatados pelos mais velhos pois não existem escritas bibliográficas que tratam de da história de modo geral o que se vê são fragmentos ou relatos da presença do nosso Povo, segundo os mais velhos tem em suas memórias a história vivida por nossos antepassados assim como Leandro Braz dos Santos (p.11) diz que:

“Mas contar a história do povo Pataxó é um trabalho delicado e minucioso por haver poucas informações bibliográficas a que dispomos restam lacunas a serem preenchidas. Para reconstruir um passado pouco conhecido é necessária uma boa bibliografia, a história oral, isto é, a memória dos anciãos.”

Segundo nossos mais velhos, as aldeias que existem em torno do Monte Pascoal se formaram depois do fogo de 1951, ano em que ocorreu um grande massacre do nosso Povo Pataxó. E grande parte desse povo vivia na localidade da Aldeia Mãe Barra Velha, foi a partir do fogo de 51 que outras aldeias se formam inclusive a aldeia Córrego da Cassiana.

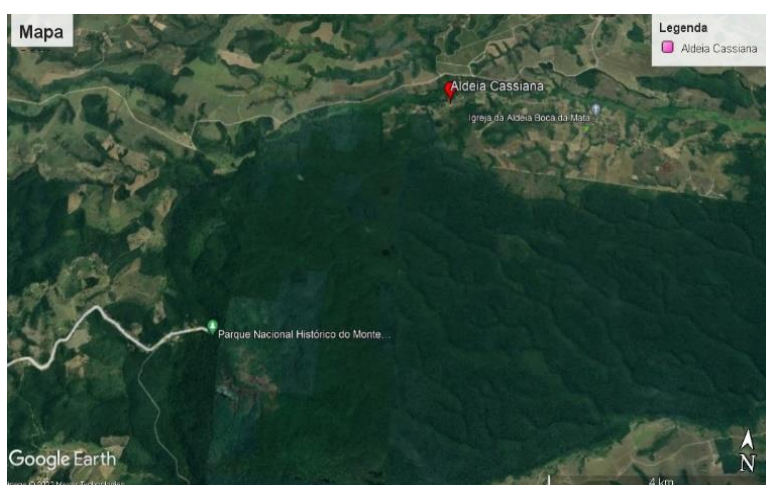
Figura 1: Mapa do território Pataxó



Fonte: Arquivo pessoal

História da Cassiana

Figura 2: Mapa com a localização da Aldeia Córrego da Cassiana



Fonte: Google Earth

Aldeia Córrego da Cassiana, tem aproximadamente 42 anos de idade. Fica localizada no município de Porto seguro, no extremo sul da Bahia, em torno do Monte Pascoal, dentro do território Barra Velha. É uma aldeia pequena, com aproximadamente

200 habitantes e 65 famílias, que residem na aldeia Cassiana, onde todos têm parentescos uns com os outros.

Desde a chegada dos primeiros moradores nessas terras por volta de 1980 que a sobrevivência das pessoas se dá a partir do artesanato de madeira, do que se planta na terra e o que a natureza nos oferece. Porém hoje temos algumas pessoas que trabalham na escola e duas pessoas que trabalham na área da saúde, mas são poucas pessoas que ocupam esses cargos e a porcentagem que sobrevivem da produção do artesanato de madeira é muito maior.

A aldeia é pequena, temos uma Escola que atende do pré ao 9º ano do fundamental II, temos uma igreja Católica, uma igreja Evangélica, uma Casa de Farrinha (farinheira), dois campinhos de futebol feitos pela própria comunidade, um poço artesiano o qual abastece a aldeia com água potável, temos alguns rios que podemos nos banhar e pescar e um cemitério que além de atender a aldeia Córrego da Cassiana também atende outras aldeias das proximidades. O cemitério tem muitos anos, e não sabemos ao certo quantos anos tem de existência.

A principal renda é baseada na produção de artesanato, temos também algumas pessoas que trabalham na educação, na área da saúde, pequenas criações de animais e nas produções de agricultura familiar. Recentemente foi criada uma associação comunitária na aldeia, percebemos uma grande necessidade de termos uma associação, para apoiar e dar suporte a nossa comunidade. Apesar de ter moradores a bastante tempo, nossa aldeia é reconhecida oficialmente a pouco tempo, e temos necessidades de melhorias para nosso povo, queremos o essencial, a saúde, educação, o direito de ir e vir.

Em janeiro os rios são bastante frequentados, nessa época já é verão tempo bom para pegar peixes e tomar banho de rio, também são épocas de festas nas comunidades vizinhas e povo gosta muito de participar dos festejos.

Figuras 4 e 3: Pescaria

Figura 3



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 4



Fonte: Fotografia de Ariane

Fevereiro é época de começar as atividades escolares, em nosso calendário escolar respeitamos muito a semana santa, e depois dessa data temos também o abril Indígena no qual neste mês é feita toda uma movimentação da comunidade para se lembrar do dia da resistência dos povos indígenas no dia 19 de abril, nesta data também é comemorado o festejo do padroeiro da igreja católica da aldeia, que é o Santo Expedito, no qual se unem comunidade e escola para estarem juntos nestas datas.

Grupos de pessoas vão as roças tirar a mandioca e a casa de farinha entra em ação, mulheres e crianças fazem a farinha e o beiju, nossa anciã dona Maria D'Ajuda, faz o Cawĩ (bebida tradicional, feita de aimpim) pois só ela sabe fazer o melhor cawĩ da aldeia, a nossa quadra de futebol é usada para a realização dos jogos tradicionais, tínhamos um barracão de festas que era usados para esses festejos, mas atualmente não temos mais, pois esse barracão era feito todos os anos pela comunidade, e utilizávamos materiais naturais que a natureza nos ofereci, mas dez de 2019 que não fizemos mais nossas festas tradicionais por causa da pandemia, e não foi feita a manutenção desse barracão dês dessa época, e é por isso que não temos mais nosso barracão de festejos e reuniões.

Figura 5: Preparação para o festejo do Espírito Santo



Fonte: Fotografia de Ariane (2015).

Figura 6: Preparação para o festejo do Espírito Santo



Fonte: Fotografia de Ariane (2015).

Minha trajetória de vida na aldeia

Me chamo Arildes Nascimento da Conceição, meu nome indígena é Naô Mirawê. Nasci em 26 de abril de 1998, num povoado chamado São João do Monte, no município de Itabela, Bahia. Sou filha de Sebastião Braz da Conceição e Maria D’ajuda da Silva Nascimento. Meus irmãos são Ariane Nascimento da Conceição, Arilson Nascimento da Conceição e Valdilei de Brito do Nascimento. Desde que nasci sempre morei na aldeia, Córrego da Cassiana.

Sou uma jovem que cresceu no território indígena e carrego uma experiência de vida à qual pertenço. Cresci em meio a simplicidade, mas com muita alegria em ter aproveitado meus momentos de criança, as brincadeiras, as histórias que minha mãe contava, as histórias de luta e resistência pela terra, que eram contadas em volta de uma fogueira pelos mais velhos.

Quando não era período de aula, eu, meus irmãos e primos brincavam muito, durante o dia inteiro, quando chegava o horário de almoço, minha mãe observava que tinha muitas crianças, então pegava uma pequena bacia de alumínio que ela tinha em sua cozinha e fazia uma farofa, forrava um tapete na sala, colocava todo mundo sentado e comíamos juntos. Ao terminar de almoçar estávamos todos satisfeitos, depois bebíamos água e descansávamos, que era “pra não ficar com o olho torto”, assim falava minha mãe, e depois íamos brincar novamente.

Quando não tinha brinquedo, a gente inventava um, para que todos pudéssemos brincar juntos, naquele tempo brincadeira boa era no meio do mato, nos rios, na frente da casa da minha avó.

Quando a brincadeira era no mato, carregávamos com a gente facas, facão e até mesmo fósforos, para construir nossas casinhas de palhas, e nossos fogões de barro, para brincar de cozinhado, tínhamos todo um cuidado para não agredir o meio ambiente, e naturalmente nossos pais permitiam esse tipo de brincadeira, pois é algo natural e cultural do nosso povo Pataxó. Limpávamos estradas, para descer alguns dos boqueirões que tinha por perto, e então cortávamos alguns pés de banana, atravessava uma madeira ao meio e descíamos escorregando em cima dessa tora de bananeira, era uma diversão.

Quando chegava à tarde nossas roupas ninguém via a cor. No meio do mato procurávamos as grandes árvores com cipós pendurados para que nós pudéssemos nos balançar de um lado para outro, os meninos caçavam passarinhos com estilingue e pelotas,

eram feitas de argila queimada no fogo, e quando matava alguma coisa a gente comia assado e procurávamos também frutas para comer.

Quando íamos para o rio andávamos de canoa, pescávamos sem precisar de anzol, catávamos conchas do rio, pegávamos camarões, colhíamos ingá do brejo e coco de tucum. Na frente da casa da minha avó, brincávamos de bola, queimada, pega-pega, esconde-esconde, pau no lito, cozinhado etc. Isso tudo durante o dia, todo dia tinha brincadeira. E à noite minha mãe contava histórias para a gente, histórias que ela havia escutado quando ainda era criança. Quando faltava energia, a gente corria para fazer uma fogueira no meio do terreiro para que pudéssemos ouvir histórias e casos dos mais velhos, tudo isso era muito prazeroso, mas também tinha uma grande importância, pois era a partir daí que se formam mais indígenas para continuar com a luta de seu povo.

Figura 7: Fogueira



Fonte: Arquivo pessoal

Foi nessas histórias contadas em volta de fogueiras que, aprendi sobre o porquê do nome de nossa aldeia. Dizem que quando os primeiros moradores chegaram aqui, já havia uma senhora negra chamada dona Cassiana, seus cabelos eram brancos como as nuvens, e ela morava perto de um córrego onde a água era muito limpa. Foi também nas

histórias de fogueiras que se falava do nosso Brasil, quando Cabral chegou aqui, o nome não era Brasil, e sim, Pindorama, que significa palmeiras, terra de muitas palmeiras.

Era nesse espaço de fogueira que os nossos mais velhos falavam sobre a luta pela terra, como foi que eles chegaram até aqui, como era quando eles chegaram. As retomadas dos territórios tradicionais sempre eram assunto a ser conversado. Nessas conversas também fiquei ciente da retomada do Monte Pascoal, o porquê e quais eram as demandas e necessidades da aldeia, lá fiquei sabendo da história de minha tia que estava grávida nos dias de parir, e teve que dormir em cima de uma árvore para fugir dos guardas que estavam atrás dela, para prender ou judiar, e ela só foi encontrada no outro dia pelos parentes.

Quando era criança, além de brincar muito, eu acompanhava minha mãe em muitos dos seus afazeres, ela fazia artesanatos de semente, penas e madeiras para vender e conseguir uma renda para a família. Eu a via fazendo o processo de lixar as madeirinhas todas na mão, para colocar nos seus colares, acompanhava ela até o brejo para pegar pariri (uma cemente usada para fazer colar), tirava matapaço (um tipo de semente utilizado para colar) e outras sementes. Além de fazer colar, ela conhecia muito sobre as ervas medicinais. Aprendi muito com ela e minha avó sobre as ervas medicinais e remédios naturais, tudo através da observação e vivência dentro do território.

O tempo foi passado, fui crescendo, quando eu completei 10 anos de idade passei para 5ª série, fui estudar na aldeia Boca da Mata, pois a escola de Córrego da Cassiana só contemplava até a 4ª série na época, concluí o ensino fundamental, comecei a estudar no ensino médio no ano de 2013, nesse tempo as turmas do ensino médio, estudavam dois períodos, durante a tarde e à noite, saíamos 12:30 de casa e chegávamos 22:00 horas da noite, lá estudei até o 3º ano do ensino médio, me formei em 2015.

Meu pai criava alguns animais e confeccionava pentes de madeira, tudo feito à mão. Ele era apaixonado por animais da mata e animais domésticos, tínhamos um urubu, um gavião que se chamava Leomir, um cachorro chamado Túpi, um quati de nome Delegado, tínhamos onça, papagaio, periquito, jacaré, jabuti, perdiz, tucano, tamanduá e até um bezerro chamado Natal, já criamos de tudo, Natal era um bezerro muito esperto, ele gostava muito da gente, só que ele tinha ciúme da minha mãe, mas, mesmo assim, ele era um amor.

Quando voltávamos da escola, ele ia nos esperar no ponto de ônibus, junto com Valentina e Nara que era nossas duas cachorras, era muito apego. E então chegávamos em casa eu, minha irmã e meu irmão, acompanhados de um bezerro e duas cachorras, e nosso pai com a janela aberta esperando a gente chegar.

Prestei vestibular em 2016 para concorrer uma vaga na UFMG, naquele tempo seria para entrar na turma da L.A.L, confesso que não estava muito animada, pois na época estava grávida de minha filha Isis, resultado não passei. No final do ano de 2017, fiz a inscrição do Fiei novamente para a área de matemática, pois eu queria estudar mais e conseguir ter um futuro melhor, para não ter que continuar a sobreviver do artesanato de madeira, assim como meus pais e as outras pessoas mais velhas da aldeia.

Também no final do ano de 2017, eu tinha feito uma prova para a seleção Reda, para ser professora no Colégio estadual indígena de Corumbauzinho no município de Prado, BA, devido minha aldeia ser pequena e não ter emprego suficiente para todos tentei uma vaga de trabalho em uma outra aldeia que fica um pouco distante. Foi então que tive o resultado que tanto esperava, passei no pré-vestibular e passei no Reda, então a partir de 2018 começa minha carreira como professora indígena e como estudante do FIEI.

Antes mesmo de entrar na faculdade já refletia sobre os problemas de minha comunidade, a falta de emprego que havia, além da falta de outras perspectivas de vida por parte de alguns jovens da nossa aldeia.

Consequência da criação do Parque do Monte Pascoal

Como nunca foi um processo fácil, pois os guardas do IBDF faziam monitoramentos da área em que vivíamos para que nenhum indígena pudesse mexer na terra tradicional do seu próprio povo Pataxó.

Por volta de 1980 esse enfrentamento era muito grande porque uns anos antes dessa época que o Governo Getúlio Vargas transformou oficialmente nossa terra tradicional em Parque do Monte Pascoal. Com essa medida, a terra deixa de ser nossa oficialmente, para ser uma área de proteção do Governo.

Atualmente nossa área oficial é de 8.627 hectares, mas na antiga extensão era uma área muito maior, que seria uma área de 52.748 hectares, tendo um valor de contexto histórico e cultural do nosso povo Pataxó, pois a extensão histórica das nossas terras não foi respeitada.

Figura 8: Monte Pascal



Fonte: Arquivo pessoal

Não somos uma aldeia favorecida em questão de meios econômicos. Para que as famílias que vivem lá tenham uma renda familiar é necessária a produção do artesanato de madeira, para garantir o sustento das famílias.

Desde que nossos velhos escolheram aquele lugar como aldeia, nunca foi fácil sobreviver ali. As pessoas sobreviviam da roça, caça, pesca e da venda de alguns artesanatos feitos na comunidade.

Após nossas terras passarem a ser oficialmente área de conservação, o nosso povo começou a sofrer.

Não nos permitiam a prática da caça e da pesca para nos alimentar, não podíamos fazer as roças, porque segundo os guardas, nós iríamos desmatar uma área para plantar. Quando plantávamos, corríamos o risco deles irem lá e destruir as roças.

Se fossemos para dentro da mata do Parque do Monte Pascoal pegar frutos ou alguma matéria prima para as práticas culturais, tínhamos que ir escondidos, para não encontrar com os guardas.

Quando acontecia de alguns indígenas encontrarem com os guardas dentro da mata, os guardas nos amedrontavam, atirando para cima e indo atrás do parente com seus cavalos.

Caso o indígena precisasse ir à cidade e quando estivesse voltando para a aldeia e eles o encontrassem, o Pataxó tinha que voltar andando com suas coisas, e para ele chegar

na aldeia, teria que dar a volta, por uma outra estrada mais longa, pelo fato de os guardas impedirem que nós passássemos por dentro da nossa terra.

A necessidade de retomar o Monte Pascoal

No ano de 1999 houve uma retomada do Parque do Monte Pascoal, na época eu tinha apenas um ano de idade, naqueles tempos, os homens da aldeia cassiana junto com outros guerreiros de outras aldeias se juntaram e tomaram a decisão de retomar o monte pascoal.

Pois estávamos vivendo uma situação dentro do nosso território que precisava ser revertida, sentimos a necessidade e juntos tomamos essa decisão. Então os guerreiros deixaram suas mulheres e filhos em casa e partiram para a luta, pois devido a apropriação do nosso território tradicional do povo pataxó, tivemos que tomar a iniciativa de ter nosso território de volta.

Figura 9: Retomada do Monte Pascoal



Fonte: Acervo de minha avó Maria Dajuda.

Os homens então partiram e suas mulheres e filhos ficaram em casa. Passaram-se duas semanas e não tinha notícia nenhuma dos guerreiros que estavam lá, pois na época não havia energia e nenhum meio de comunicação. Minha mãe Maria D'ajuda e minha tia Elizania tiveram uma conversa entre elas duas e decidiram ir atrás de seus parceiros,

Sebastião e Alvaír, já tinha passado dias e não tinha notícias deles. Foi então que elas encangalharam uma animal e arrumou o que tinha de arrumar, colocou suas crianças dentro dos balaios, e foram para a retomada. Graças a nosso criado tudo estava em paz.

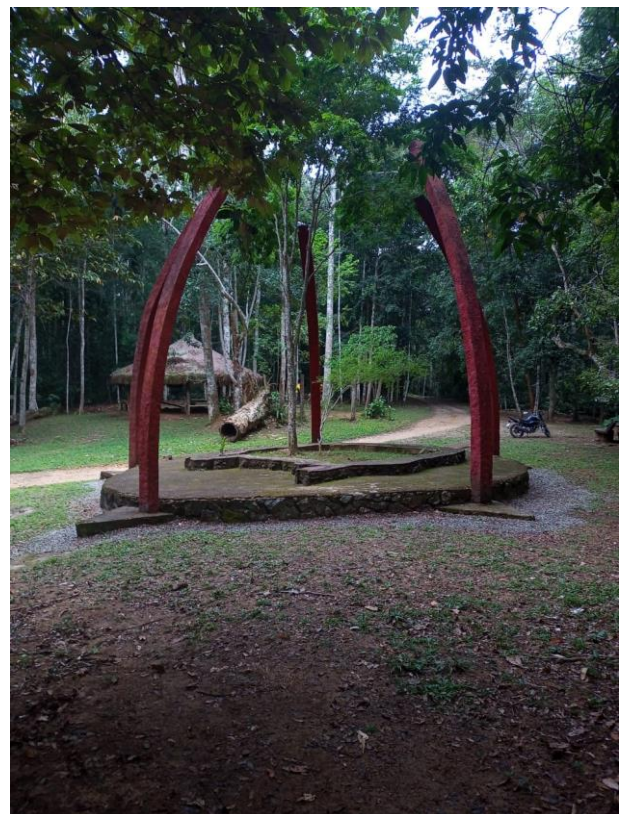
A partir daí que as coisas foram melhorando um pouco para nós indígenas que vivemos em torno do monte pascoal. No ano de 2000, foi construído o monumento do Monte Pascoal. Trazendo como símbolos o maraca, o arco, a flecha e o mapa do Brasil com os nomes das várias etnias que viveram e vivem em nosso Brasil.

Figura 10: Monumento do Monte Pascoal (2002)



Fonte: Acervo de minha avó Maria Dajuda

Figura 11: Monumento do Monte Pascoal (2022)



Fonte: Fotografia de Hayapó

Depois dessa conquista, os guerreiros voltaram para aldeia, e continuam com nosso modo de vida. Mas a fiscalização por parte dos guardas nunca parou, eles insistiam

na proteção de um parque e nós insistíamos na sobrevivência do nosso povo no território tradicional.

Sempre foi de lá que a aldeia córrego da cassiana tirou seu sustento, os tempos foram passando e a terceira geração que nasceu naquela terra, foram crescendo e vivendo todo esse repertório de luta e resistência, para que a vida daquele povo fosse preservada. E as histórias que não era da nossa época, mas nossos mais velhos sempre contavam, o que já tinham vivido e porque eles ainda insistiam em permanecer naquele lugar. É a partir daí que começamos a entender a nossa luta.

Crescemos, e nossos mais velhos sempre nos disseram, “ vocês devem estudar, para ter um futuro melhor e não ter que derrubar uma arvore para sustentar seus filhos e netos, temos que buscar conhecimento”. Incentivo nunca faltou, pois tinha-se uma visão de que a Natureza é a nossa mãe e que para ela permanecer devemos cuidar e proteger.

Luta e Resistência

Apesar de a aldeia ser pequena, as lutas sempre foram grandes e é preciso contar a resistência dessas pessoas que vivem na aldeia Córrego Cassiana, e as questões que envolve a comunidade e o artesanato de madeira. Nessa constante resistência vale reforçar o processo de produção do artesanato, que também é aplicado as nossas práticas culturais e tradicionais.

Antes de derrubar uma arvore o parente vai na mata andar para escolher a arvore certa, e nunca deve ser escolhida uma próxima da outra se não, a natureza vai sentir ainda mais a perda de mais uma arvore. No momento em que o parente vai na mata derrubar uma arvore para o sustento de sua família, ele espera o tempo certo, porque, se ele for na mata derrubar uma arvore e a lua estiver ruim, a arvore pode ser desperdiçada, podendo dar vento na madeira (rachar/pocar ao meio) e ela não servir para a produção do artesanato. A arvore não pode ser cortada em vão, o parente que faz o artesanato, sabe se a arvore pode ser cortada ou não, antes de cortar ele observa se ela está oca ou não, se estiver oca ele conhece, e então não derruba aquela arvore, antes de cortar é observado os cipós que estão a sua volta

Fazendo isso evita acidentes, já houve casos de pessoas de nossa comunidade ficar gravemente feridas, por não ter prestado atenção nesses detalhes citados, inclusive houve casos de parente perder a vida por conta de acidentes ocorrido na mata ao derrubar uma arvore para obter renda para sustentar sua família.

Tem que ir buscar a madeira no mato com os animais que não é um processo fácil, pois implica na distância que deve ser percorrida e no tempo pois se estiver chovendo dobra as dificuldades, por conta da nossa região ser tropical há sempre tempos de muitas chuvas e isso atrapalha. Quando a madeira chega na aldeia começa o processo de produção e demora para o artesanato ficar pronto depende da quantidade que se quer produzir e do modelo a ser feito.

Figura 13: Busca por madeira



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 12: Busca por madeira



Fonte: Arquivo pessoal

Depois de pronto esse artesanato é levado até a cidade para vender e o pouco de dinheiro que se consegue da venda do artesanato compra-se mantimentos para sua família.

Nem sempre o artesanato produzido na aldeia é levado para a cidade, pois na própria comunidade tem comércios que aceitam o artesanato como moeda de troca e muitas vezes o parente não tem condições de levar o que é produz para vender fora e acaba optando em trocar seu artesanato na própria aldeia.

Com todas as dificuldades em produzir e vender o artesanato, ainda nos tempos de hoje os parentes devem ter cuidado com os guardas do parque, porque não é uma prática legalmente autorizada e se encontrar o indígena na mata, eles levam preso como já aconteceu.

Mas além dos constantes encontros com os guardas do Parque, também temos uma outra inquietação, por conta do nosso meio econômico de sobrevivência. Devido a necessidade em quanto um indígena que mora em uma aldeia pequena e que está cercada, de um lado por fazendeiros e do outro o parque que está sobreposto no território pataxó. Os meios econômicos são mínimos e não conseguem suprir as necessidades da aldeia.

Com isso percebo que a maioria dos jovens assim como os mais velhos não tem outra opção a não ser, sobreviver do artesanato de madeira. E isso, nos torna alvo, por conta também do olhar de certa forma preconceituosa de pessoas não indígenas e de indígenas de outras aldeias mais desenvolvidas que não precisam necessariamente do artesanato de madeira para sobreviver.

É uma situação que não queremos mais para nossas vidas e nem para nossos futuros jovens que estão vindo. sabemos que a mata não é infinita e se não pensar em novas alternativas a natureza não vai aguentar por muito tempo, se não cuidarmos dela até quando vai continuar existindo e até quando vai nos sustentar de tal forma.

Entendemos que somos indígenas e precisamos ser defensores e proteger a Mãe Natureza, só assim podemos manter nossos costumes e tradições. Porem nosso caso é diferente, queremos proteger a natureza, mas também precisamos sobreviver.

Relatos da Vivência das pessoas que sobrevivem a partir do artesanato de madeira na aldeia Cassiana

Destaco a seguir alguns trechos de depoimentos dados por pessoas da aldeia que entrevistei entre os anos 2021 e 2022, para ilustrar melhor essa vivência a partir do artesanato de madeira dos Pataxós da aldeia Córrego da Cassiana.

Figura 14: Guerreiro Benedito Braz (Ancião da aldeia)



Fonte: Arquivo pessoal

03 de fevereiro de 2022

Benedito Braz é um ancião, o qual faz parte das primeiras gerações que viveu aqui nesse território de luta, ele conta que nasceu em um lugar chamado monte Belo, em Barra Velha e quando saiu de lá já tinha se casado com sua esposa Maria Dajuda. Ele foi morar em uma aldeia chamada Corumbauzinho situada no município de Prado, e lá tiveram seus filhos, e quando sua filha casou nasceu, eles resolveram sair de lá e procurar um outro lugar e assim fizeram. Ao sair, ficaram alguns filhos que já estavam casados, isso por volta de 1980. Saíram à procura de um lugar com terra boa para o plantio de suas roças, e na época essas roças eram feitas de mutirão, a farinha que era produzida na aldeia, era levada para ser vendida em um povoado próximo, e a piaçava que era retirada por eles, levavam em um jumento até Caraiva para vender e assim comprar o que era necessário.

“(...) na época que sai de Barra Velha eu já era casado com D’ajuda, e fui morar no corumbalzinho, de lá eu fui parar no córrego da Lembrança, aonde hoje é se chama, Córrego da Cassiana, quando cheguei aqui, já tinha todos os meus filhos, antigamente o que a gente fazia era roça, (...) juntava todo mundo, mulher e menino e ia plantar, as mulheres ia cozinhar e o restante ia para a roça. (...) mudou um pouco depois que começou a tirar madeira, aí deu uma parada com as roças, mas até hoje graças a Deus cada um tem suas roças, sempre plantamos pra ter fartura, torrávamos a farinha e quando era no dia de sábado colocávamos em um jegue e ia vender no montinho, quando era a tarde, cada uma vinha com seu saco de feira nas costas, só Bartião e Vardin quem não trazia nada nas costas por que era pequeno na época. Aqui dentro minha fia, a gente já trabalhou foi com tudo. A gente saía daqui 5 horas da manhã e chegava em Caraiva 4 horas da tarde, para vender a piaçava, e só podia tirar a noite por causa dos guardas. Vendia e comprava o que era de precisão, eu sei o que eu sofri aqui dentro, agora tá bom, mas antes, enfrentei muito os guardas, mas eu sempre falei que, eu morro mais não saio, eles cansaram de atirar em índio nessa mata aí. Eu cansei de sair daqui de pé pra Brasília junto com os liderança para resolver nossas coisas.”

Figura 15: Guerreiro cacique Alvair José



Fonte: Autor desconhecido

05 de setembro de 2022

No seu depoimento ele conta a vivência do seu povo, que historicamente se dedica à prática do artesanato de madeira, como meio de sobrevivência, na aldeia Córrego da Cassiana,

“(…) quero te dizer, a respeito da nossa convivência, no artesanato de madeira nativa, à qual nós vivemos dependendo muitos anos desse artesanato desde a infância. A gente vêm construindo e tirando meio de sustentabilidade desse artesanato de madeira desde quando a gente fazia faquinha de madeira, pente de madeira, xarri, colar, ... a gente usava as pequenas pecinhas para fazer colar e com o passar do tempo isso a gente fazia tudo manual...

com o passar do tempo a gente aumentou a produção do artesanato de madeira e a gente passou a fazer as gamelas de madeira que já eram feitas para o uso né, da comunidade, para a cozinha, para consumo, no uso de casa... Chegou um determinado tempo que teve uma grande fluência por parte dos compradores e para o meio de sustentabilidade a gente já fizemos também de quantidade para garantir o meio de vida e a partir daí, a gente vem assim, se desenvolvendo no trabalho do artesanato. (...) Com o

passar do tempo, foi dificultando... A dificuldade da madeira a gente sabia que era uma grande dificuldade.

A gente não queria, assim, estar se envolvendo diretamente na produção do artesanato. Sabia que isso ia dificultar um tempo e a gente já pensava em uma outra alternativa. Aí também, com o tempo, veio a energia para a aldeia e aí a gente da aldeia Cassiana deixamos de fazer a gamela e já fomos aproveitar parte da madeira para fazer as colherezinhas, colheres de vários tipos, modelos e tamanhos, colher para mingau, pimenta, colheres médias, intermediárias, ...

Hoje, a gente, até esses últimos tempos, faz quantidade de colheres, tanto para usar quanto para vender, também para tirar o sustento, e paramos de fazer a gamela e o coxo. Por dificuldade da madeira, e também a gente não quer fazer esse tipo de envolvimento de material de grande escala e de grande quantidade, e aí a gente veio fazer as colheres porque é uma forma de reaproveitar mais a madeira e destruir menos. Isso com o uso da energia. (...)"

Ele fala e reforça da necessidade do povo ter o seu território de volta para possibilitar tanto a reconstrução da natureza quanto a dedicação do povo a outra atividade de sobrevivência que não seja diretamente ligada à madeira.

“Chegou agora e, nesses últimos tempos, a gente tomou decisões de lutar por um meio de vida para desenvolver projetos dentro do nosso território e quando dentro da nossa aldeia Cassiana nós não temos espaço para desenvolver projetos, a gente tem que dar um tempo com o artesanato e estamos na luta de retomada do território para desenvolver uma vida a futuro e parar com a produção do artesanato, e só fazer para o uso próprio, que não é nossa intenção continuar diretamente com artesanato sobrevivendo dele, nós queremos preservar nossa floresta, preservar nossas nascentes de nossos rios, ter nossa água sadia e saudável, recuperar de volta a fauna e a flora, as caças e os peixes que não foram exploradas e acabadas por nós. Foi por grandes fazendeiros da região, pela monocultura do eucalipto, do café, do

mamão, da pimenta, que acabou com o restante de mata que está aqui em torno do parque que a gente queremos hoje preservar, conquistando esse território de volta e essa natureza de volta. Por isso, nós demos essa parada com o artesanato e esperamos uma alternativa e uma solução do Governo que nos venha nos dar esse apoio na demarcação do nosso território no mais breve possível, para que a gente possa ter uma vida a futuro e de melhor para nossos filhos e netos e nossas novas gerações. É o que queremos e desejamos.”

Figura 16: Guerreiro Sebastião Braz da Conceição



Fonte: Fotografia de Jackson (2021)

28 de dezembro de 2021

Sebastião já vem da segunda geração que sobrevive do artesanato de madeira, em seu depoimento conta sobre a infância e a trajetória de luta para conseguir a alimentação e o sustento que a mata oferecia, deixando entrever que isso não era tão simples pelo fato de que havia fiscalização de parte dos guardas do parque que não permitiam que o povo Pataxó fizessem o uso do seu território tradicional. Além disso, Sebastião conta sobre as dificuldades de fazer o artesanato de madeira que naquela época era feito manualmente e explica o motivo que levou o povo a deixar de fazer certos tipos de artesanato de madeira.

“Quando eu era pequeno que andava lá no posto velho caçando paca, tatu, porco do mato para comer, ali era um campo de aviação, era tudo limpo, era um campo de aviação que o pessoal do IBDF, os guardas usavam né (...) os guardas andavam de avião,

tinha um avião que vinha ali, tinha uma, duas, três casas, tinha três casas ali. Quando eles pegavam as coisas dos índios, eles levavam pra lá, nem só dos índios mas como dos brancos também (...)ali eles guardavam muitas coisas, tinha bolas de arrame da época que eles fizeram essa cerca aqui do pé do monte até lá no Bugigão, um cachorro dava trabalho para passar, a cerca era doze fio de arame, daqui em Barra Valha, era para nada passar pra você ver que até os tatu cavavam por baixo para poder passar, e nós pulávamos por cima dela, pisava e pulava por cima, e os cachorros, Jó pegava e jogava tudo por outro lado, se os bicho não passavam, a cerca eram doze fio de arrame. Mas ali eu alcancei quando eu era pequeno, eu andava por ali direto caçando eu via tudo lá, a casona toda no vidro, bem fechada uma casona bonita. E de cá a gente olhava e via eles lá, sentado lá na porta, lá tinha uma varandona grande, tudo cheio de cadeira eles ficavam sentados lendo livro, de cá já tinha nossa passagem aí nós passávamos, quando eles estavam de cabeça baixa nós passávamos rápido e os cachorros também já sabia, passavam uma atrás do outro correndo, quieto sem fazer barulho. Só que na época tinha muita caça, aí daqui a pouco o pau quebrava pertinho da casa dos guardas, os cachorros enrabando caça começavam a latir, e aí os guardas começavam a gritar ou então começavam a dar tiros para o alto, aí nós ficávamos dentro do mato quieto, depois íamos atrás da caça que os cachorros acoavam, era eu, Bastião Caveira, Jó, finado Antônio Braz e velho Zirdo. E eu era pequeno na época (...) na estrema do parque com a aldeia eles fizeram essa cerca, na época papai disse, vocês viram o que os guardas fizeram? fecharam nossa estrada. Porque a estrema do parque com a aldeia é ali, eles fecharam tudo, bateram estaca no meio da rodaje (estrada) ninguém passava. Teve uma época quando era menino eu fui pescar com mamãe e meu irmão mais a mulher dele, e os guardas ouviu a gente conversando na beira do rio, eles deram uns tiros e a gente correu e se escondeu no meio da mata, eu e mamãe, perdemos nosso anzol, viemos embora nem

pescamos mais, com medo dos guardas, mas eu falei um dia eu vou crescer e vou descontar tudo que vocês fizeram com a gente. Eu nasci na aldeia Corumbauzinho, no município de Prado, eu vindo para cá, eu vim pequeno, mas eu cresci e me criei aqui, nunca sai pra fora não, sempre fiquei aqui na aldeia e estou até agora, trabalhei a minha vida toda com o artesanato, hoje eu já tenho 45 anos de idade. Desde meus 15 anos eu já fazia pente, na época que eu fazia caiaque e pente, eu já era casado com Dajuda. Eu e meu cunhado abrimos nossa estrada de novo. Se a estrada era nossa, era a estrada de nós passar. Para fazer o artesanato dava trabalho, a gente fazia a maioria de rela (trabalhar junto/Haem grupo). Íamos para a mata mais Naldo, derrubávamos a madeira com o cerrote, outra hora com o machado, e fazíamos as tabuas do pente com o cerrote e o machado, e terminávamos de limpar com o facão, limpávamos lá na mata mesmo, trazíamos quinze tabuas cada um nas costas, se ninguém tinha condição de comprar um burro na época, aí nós trazíamos nas costas, quando era a tarde nós estávamos quebrados. Quando chegava aqui nós marcávamos com os moldes do pente, e depois fazia os pentes tudo na faca e no facão, e fazia bem feito, lixava com folhas de tararanga, ninguém sabia nem o que era lixa e dava brilho tudo na mão com o copo de vidro, e ficava era bonito, mas isso dava trabalho, e naquela época a gente vendia caro, porque era tudo manual e bem feito. O velho Bau, velho Zirido, Velho Didi, Mero, eles levavam para vender tudo em Porto Seguro e Caravelas, eles iam andando ou de carona até que chegavam lá. Ai depois que os brancos começaram a fazer com a indústria, eles faziam muito pente e vendia bártro, aí estragou com nossa venda, porque a gente fazia manual e pouco e vendia mais caro, só que bem feito, e aí o pente perdeu valor. Então, depois que o pente perdeu o valor, paramos de fazer, procuramos outro meio de sobrevivência, começamos a fazer caiaque e colher, então hoje é muito difícil você encontrar um pente de madeira no mercado, outras coisas você encontra, mas um pente de madeira é difícil. Tinha vez que a gente

derrubava uma árvore só, ali dava para mais de dez famílias trabalhar todo mundo saia satisfeito. Hoje as coisas mudaram, melhorou um pouco, a gente começou a evoluir e estudar, mas a gente ainda continua fazendo o artesanato, nunca trabalhamos para ninguém, nem para fazendeiro, e vamos sobrevivendo, vivendo da mata.”

Figura 17: Guerreiro Hayapó Patatxó



Fonte: Arquivo pessoal

05 de setembro de 2021

Hayapó é um jovem da terceira geração que nasceu e vive na aldeia Córrego da Cassiana, em seu depoimento ele conta sobre sua vida na aldeia, e que desde de sua infância já trabalhava junto a sua família com artesanato de madeira, e na adolescência ele foi trabalhar sozinho fazendo o artesanato que é um trabalho muito perigoso, por vários motivos, mas, desde de sempre ele pensava em parar, hoje, é um jovem que faz parte do grupo de lideranças, e busca alternativas para a sua comunidade e seu povo, almejando um futuro diferente.

Ele relata a necessidade de termos nosso território de volta, e precisamos recuperar as matas e os rios, e só assim vamos conseguir dar uma vida melhor para as pessoas da

comunidade. Ele não quer que a filha dele passe o que os avós dele passou, o pai dele passou, e o que ele passou e vem passando dentro do nosso território.

“(…) Desde meus 11 ou 14 anos fui trabalhando com artesanato, junto com meu pai e minha família, aprendi fazer. Aos 16 ou 17 anos comecei trabalhar sozinho. Dei continuidade, só que pensando no futuro de sair disso, como pensar em algo melhor, né, porque ali não era a solução, porque só era ali eu tirando a carga de pau, trazendo e fazendo, então, era desmatar bastante. Hoje estou com 25 anos, trabalho como liderança na comunidade de Cassiana buscando a melhoria para meu povo. Hoje a gente estamos numa área de retomada, né, retomando aquilo que é nosso, então esse tempo todo fomos trabalhando nesse objetivo (...) e juntos trabalhar na preservação do meio ambiente para que possamos ter água novamente, água boa, água cristalina que antigamente tinha e hoje não temos mais. Vários córregos já secaram através do desmatamento, principalmente os pecuaristas, né. Do lado, era mata, do outro lado do rio. Não existe mais aquele capão de mata que tinha. Hoje isso é plantio que é da área de fazenda. Hoje isso é plantio de café, mamão, né, do outro lado só manga. Beirando os córregos onde tinha alguns capãozinhos hoje não tem mais. Eles tirando pela raiz. Toda a degradação. As nascentes não brotam mais. Antigamente as nascentes brotava água (...) dava para a gente beber. Hoje eu penso num futuro diferente, é plantar, reflorestar, aquilo que está devastado. Então a gente sofremos e vem os madeireiros de fora que já tira bastante e aí coloca a culpa nos indígenas. Então o povo indígena sofre muito com isso. Vem sofrendo nem só a comunidade de Cassiana, mas entorno do monte Pascual, onde Cabral aí avistou aquele grande monte. Então, eu luto para preservar e ter o alimento na mesa. Para isso, a gente precisa do espaço para plantar agricultura para que assim possamos ter o alimento na mesa do nosso povo e, onde tem o alimento na mesa tem a felicidade dos nossos kitoks, dos nossos jovens, dos nossos anciões e assim por diante. Esse é o futuro que eu quero para nossos jovens, meu filho, minha

filha, que amanhã ou depois ela não passa o que meus avos, meus pais passaram e eu venho passando. Eu quero que ela viva uma vida diferente, quero que ela viva uma vida que tenha espaço para ela sobreviver.”

Afirmo aqui mais uma vez, que nosso meio de sobrevivência e a nossa renda familiar, sim, sempre foi a partir do artesanato de madeira, a caça, a pesca, e os roçados. Mas também sempre tivemos um olhar de saber viver desses recursos naturais.

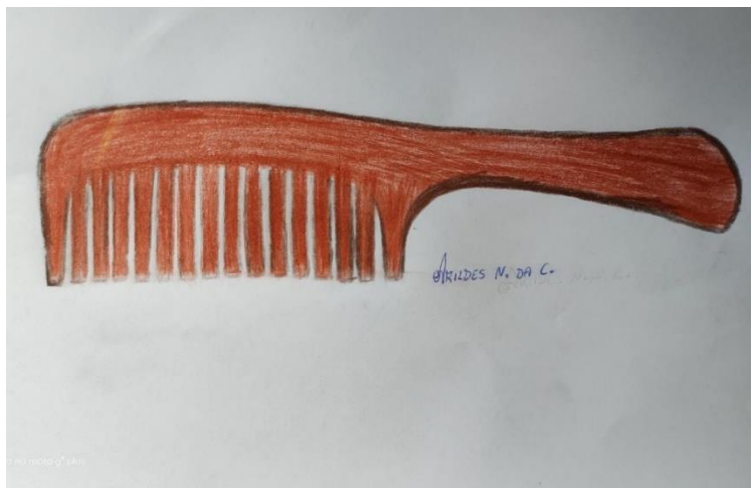
Os tipos de artesanatos produzidos em nossa aldeia antigamente e nos dias atuais

Todos os antigos artesanatos produzidos na aldeia Córrego da Cassiana eram feitos manualmente desde a retirada da madeira até o os últimos processos de produção, segundo os mais velhos os pentes e outros artesanatos eram utilizado folhas de Tararanga (arvore encontrada em nossa região) para lixar e dar acabamento nas peças, também utilizavam o vidro para dar brilhos. Ilustro aqui os artesanatos antigos através de desenhos, pois estes não são mais encontrados facilmente na aldeia.

Os tipos de artesanatos produzidos na aldeia antigamente

- **Pente de madeira:** usado para pentear os cabelos

Desenho 1: Pente de madeira



Fonte: Arquivo pessoal

- **Gamela:** utilizavam para guardar alimentos, carregar objetos e antigamente utilizavam para dar banho em mulheres quando paria.

Desenho 2: Gamela



Fonte: Arquivo pessoal

- **Colar de madeira:** adereço pataxó utilizado para se enfeitar.

Desenho 3: Colar de madeira



Fonte: Arquivo pessoal

- **Xarí:** adereço pataxó usado para prender os cabelos e as mulheres também tinha o xarí como uma arma de defesa pessoal

Desenho 4: Xari



Fonte: Arquivo pessoal

Tipos de artesanatos produzidos na aldeia Cassiana atualmente:

Hoje no processo de produção dos artesanatos, temos o auxílio da energia elétrica, de maquinários e de animais, são eles: de burros e jumentos, que também usamos para trabalhar nas roças. Porém essa produção não é consideradamente de extrema exploração, pois as pessoas da aldeia produzem o necessário para o sustento e tentar acompanhar a civilização o que não é tido com sucesso, somos pessoas de vivência simples.

Abaixo temos os artesanatos que são produzidos na aldeia Córrego da Cassiana.

- **Colheres de madeira:** usadas na cozinha para mexer os alimentos.

Figuras 18 e 19: Colheres de madeira

Figura 19



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 18



Fonte: Arquivo pessoal

- **Caiaques:** usado para colocar alimento ou para dar comida aos animais

Figura 20: Caiaques



Fonte: Arquivo pessoal

- ***Pilão:*** usado para pisar temperos e os maiores para pisar grãos

Figura 21: Pilão



Fonte: Arquivo pessoal

Referências seguidas de textos

Mas para melhor entender este trabalho é preciso percorrer por outros temas e outras violências que ocorreram contra o meu povo, portanto para desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso consultei trabalhos diversos. Muitos deles contribuíram para refletir no tema que eu escolhi.

Entre esses trabalhos, o Trabalho de Conclusão de Curso da Erilsa Braz dos Santos (2018) aborda a questão da demarcação oficial do território indígena Barra Velha em relação à terra tradicional indígena, que é uma questão comum às aldeias Barra Velha, Cassiana e outras aldeias mais. Entre algumas ocorrências, Erilsa relata alguns enfrentamentos dos indígenas com os guardas do IBDF.

Ao buscar as histórias dos entrevistados, eu aprendi coisas que eu não sabia e o que o povo de Barra Velha não sabia. Aprendi que não foi somente os que saíram de Barra Velha para buscar nossos direitos pela terra que lutaram, quem estava aqui também participou da luta, quem estava dentro da terra lutando e sofrendo, que estava resistindo a opressão do IBDF. Mesmo que eles fossem a Brasília, se os parentes não continuassem na aldeia, a luta deles seriam perdidas. (Erilsa Braz dos SANTOS, p.45, 2018)

Neste trabalho, Erilsa demanda a necessidade de reconquistar a terra indígena Barra Velha para que o povo indígena possa reforçar suas práticas culturais e para que o povo possa recompor a fauna, a flora, os rios, e a vida.

Os guardas consideravam o Parque como área de conservação oficial, e impediam a prática cultural do povo indígena no Parque Nacional do Monte Pascoal. Leandro em seu trabalho de pesquisa relata que:

“O Dr. Barros falou que aquelas terras que eles tinham medido não era do meu povo, que toda a área medida era do governo e que a partir daquele momento se tornaria um parque e todos que moravam em Barra Velha teriam que desocupar a aldeia. E daquele momento em diante ninguém tinha o direito de cortar uma vara ou até mesmo botar uma roça. Essa notícia causou um grande desespero dentro da aldeia, todas as pessoas ficaram com medo de perder suas terras para o governo. É a partir desse medo de perder a terra que começa a luta pela garantia de nossas terras.” (Leandro Braz dos Santos p.29 e 30, 2017)

Nosso povo começa então a buscar a demarcação do território, pois considerava a área que tinha sido denominada como Parque como um território próprio do povo Pataxó e, além disso, sente-se pertencente a quela região.

Os pataxós da aldeia Cassiana sofreram muito nessa época da criação do Parque, não só nossa aldeia como outras aldeias em torno do Monte Pascoal.

Também, nesse sentido, outro trabalho que considero importante para meu tema em foco, é o de Iraia dos Santos Guedes (2017), pois ela aborda e questiona o processo

de privação oficial do território Barra Velha, tornado assim Parque do Monte Pascoal, mostrando que esse cercamento acabava comprometendo o modo de vida do povo indígena.

“o governo considerava o local de importância histórica e paisagística sem considerar os moradores originários do território, revelando uma noção de conservação esvaziada de seu conteúdo humano, que tem como objetivo não a sobrevivência de uma população, mas apenas de servir como vitrine para turistas e pessoas de fora da área. Enquanto isso, o Povo Pataxó passava por dificuldades por causa das áreas improdutivas que lhes deixaram, os fazendeiros criavam suas cercas de metros e mais metros quadrados dentro do nosso território, como se eles fossem os verdadeiros donos e o órgão gestor do PNMP perseguindo os índios com sua vara de pescar, suas armadilhas artesanal de caça e sua enxada, como se fossem os principais agentes pela devastação da Mata Atlântica, sendo que quando esta lhes pertenciam continuou com sua biodiversidade e exuberância, tanto que eles encontrara o que ‘conservar’. Iraia dos Santos Guedes, p. 26, 2017.

Devido à falta de acesso aos recursos naturais, que o território oferecia antes do cercamento, além da violência por parte dos guardas para com os indígenas, tudo o que leva a um sofrimento muito grande imposto aos indígenas. Com isso Iraia também mostrava a necessidade de o povo Pataxó ter seu território tradicional de volta.

Um olhar diferente, que contrasta com os posicionamentos dos trabalhos da Erilza, Leandro e da Iraia, é divulgado no vídeo **Vamos Proteger o Monte Pascoal**¹ produzido pelo grupo ambiental Natureza bela com apoio do ICMBIO.

No vídeo, tenta-se apresentar o modo de vida do povo indígena que vive em torno do Monte Pascoal. Neste documentário, o grupo Natureza Bela juntamente com o ICMBIO tenta convencer da urgência de parar com algumas práticas culturais indígenas como a “caça descontrolada” dos animais e a produção do artesanato de madeira, argumentando que, ao invés de caçar os animais, os indígenas deveriam comprar carne e defendendo que a destruição do Parque cresce a cada dia devido à extração da madeira para produzir o artesanato, tudo o que acabaria prejudicando a fauna e a flora do Parque.

O grupo acha que a extração da madeira pelos indígenas é realizada em grande escala e por isso não deveria ser considerada como prática cultural, e menciona o risco de que outras pessoas que não têm sequer vínculo com alguma aldeia indígena possam também ingressar no Parque para fazer extração da madeira.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MUz5zZG49LE>

Conclusão

Concluo este trabalho tentando mostrar a vida das pessoas que vivem na aldeia Córrego da Cassiana, trazendo a luta pela sobrevivência desde o início, identificando que essa vivência se dá por conta da luta pela demarcação do território tradicional do povo Pataxó que historicamente foi roubado. Ao aprofundar mais, fica perceptível que a produção do artesanato de madeira em nossa aldeia, de certa forma é uma imposição, devida ao meio em que moramos e todo o contexto histórico.

O artesanato de madeira foi uma forma encontrada para a sobrevivência e de tentar acompanhar a civilização, que não é tida com êxito. Nossa comunidade tem uma infraestrutura muito simples e com muitos défices, são famílias que luta diariamente para sobreviver a partir da produção do artesanato de madeira e por conta disso somos alvo de perseguição e de críticas externas.

Trazendo as falas dos nossos guerreiros que vivencia esse processo de produção do artesanato desde a infância, consigo mostrar que não é uma prática fácil e nem simples por muitos motivos. Todas as pessoas que entrevistei fala da vontade de parar com a produção do artesanato, pois é um meio de vida que não é bom, a natureza sofre e nosso povo também sofre junto. Mas para pararmos com a produção precisamos do nosso território de volta.

É perceptível que mostro apenas uma ponta desse iceberg que é a vivência de luta e resistência que por muitos anos estamos lutando para existir. Nos estamos reivindicando nosso território tradicional de volta e se não conseguirmos devemos continuar tentando, queremos tirar a nossa parcela de culpa, que querendo ou não, contribui com o desmatamento de nossas matas.

Durante a pandemia, paramos com a produção do artesanato e buscamos outras alternativas, em meados de 2020, deu-se início a criação da nossa primeira associação comunitária da aldeia Córrego da Cassiana ACIPAC, com intuito de conseguir projetos que nos ajudassem a sair do nosso meio econômico atual, ou seja o artesanato de madeira. Conseguimos ativá-la em 2021. Porém só a associação não basta para a mudança de nosso meio econômico, precisamos do nosso território de volta. E se não conseguirmos? O que vamos fazer em relação ao artesanato? E o futuro da mata e do nosso povo? pois afirmo mais uma vez que o povo pataxó da aldeia Córrego da Cassiana não vive do artesanato de madeira, o povo sobrevivemos desse artesanato.

Colaboradores da pesquisa

Benedito braz

Sebastião Braz da Conceição

Alvair José do Nascimento

Tarcio de Brito do Nascimento

Referências

SANTOS, Erilsa Braz dos. **A história da demarcação da terra indígena Barra Velha**. 2018. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

SANTOS, Leandro Braz dos. **História do ponto de vista Pataxó: território e violações de direitos indígenas no extremo sul da Bahia**. 2017. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.

GUEDES, Iraia dos Santos. **Pataxó quer o seu território de volta: o Parque Nacional do Monte Pascoal como unidade de conservação e terra indígena**. 2017. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.

Grupo Ambiental Natureza bela. **Vamos Proteger o Monte Pascoal**, produzido pelo grupo ambiental Natureza bela com apoio do ICMBIO. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=MUz5zZG49LE> . Acesso em: 05 de setembro de 2022.